



A Nova Ágora: uma revisão bibliográfica sobre o uso das redes sociais nas manifestações de 2013

Marcelo Josimo Inacio Filho

Graduando em História, Universidade do Vale de Itajaí, Brasil.

marcelojosimo@edu.univali.br

Carlos Golembiewski

Jornalista e Professor de Jornalismo. Universidade do Vale de Itajaí, Brasil.

Introdução

As manifestações de 2013 foram fortemente marcadas por demonstrarem o potencial das redes sociais para a organização de protestos e mobilização coletiva. Iniciou-se como um ato contra o aumento da tarifa do transporte público e nos anos seguintes culminou no impeachment da presidente Dilma Rousseff. Diante disso, este artigo analisa a relação entre as redes sociais e as manifestações pela ótica de Maria da Glória Marcondes Gohn, no artigo Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena; Gustavo Cardoso e Branco Di Fátima, no artigo Movimentos em Rede e Protestos no Brasil: Qual Gigante Acordou? e por fim, Eugênio Bucci, no livro "Existe Democracia Sem Verdade Factual?".

A pesquisa usa da abordagem bibliográfica para transcrever as transformações geradas pelo ativismo digital. Serão observadas o papel das redes sociais na amplificação das demandas populares e na disseminação da desinformação.

Metodologia

A pesquisa bibliográfica foi a metodologia utilizada para a elaboração deste artigo científico. Este trabalho consiste em analisar as manifestações de 2013, a partir da visão dos autores citados, que culminara com o processo de impeachment sofrido pela presidente Dilma Rousseff. Foram utilizadas bibliografias científicas, livros e notícias para fundamentar e contextualizar o tema.

"Estamos ficando velhos", um recorte de 2013.

No 19º Foro de São Paulo, diante de diversas lideranças, Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que os partidos de esquerda, de direita e as lideranças sindicais foram surpreendidas pela eclosão das manifestações que ocorreram em junho de 2013 (Domingos, 2013, p.1).

"Esses movimentos que aconteceram aqui no Brasil pegaram de surpresa todos os partidos de esquerda, pegaram de surpresa todos os partidos de direita, todo o movimento sindical. O movimento sindical, com todos os recursos que têm, nem sequer tem uma comunicação pela internet. Nós, na verdade, estamos ficando velhos".

A surpresa se referia era a ineficiência do Estado de se comunicar com a sociedade e a eclosão do movimento vem do acúmulo gradual de insatisfações da população (Cardoso e Di Fátima, 2013). Os autores afirmam que, embora o modelo brasileiro de inclusão social tenha ganhado popularidade, com a ascensão de muitos à classe média, a redução da desigualdade de renda, o aumento da expectativa de vida e a escolha do país para sediar grandes eventos internacionais, outros fatores pesaram para a eclosão das manifestações. Entre eles, destacam-se a sensação de impunidade diante de sucessivos escândalos de corrupção, a falta de segurança, as restrições à liberdade de imprensa, a elevada carga tributária e a alta taxa de homicídios.

Cardoso e Di Fátima (2013) observam que o movimento nasceu na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, com a criação de um evento na rede social Facebook. O protesto contra o aumento da tarifa, de

R\$ 2,85 para R\$ 3,05, reuniu cerca de 200 pessoas e foi convocado pelo Bloco de Lutas por um Transporte Público. Cerca de 5 mil pessoas protestaram em frente à prefeitura enquanto a decisão judicial de suspender o anúncio era divulgada, após semanas de manifestações. Prefeitos, vereadores e o poder público foram mobilizados para atender as reivindicações (G1 RS, 2013), mostrando o poder do ambiente digital e sua influência.

Depois disso, explodiram manifestações em diversos estados do país (Amazonas, São Paulo, Goiás, Rio Grande Norte, entre outros) motivadas pelos preços das tarifas de transportes públicos e foram violentamente reprimidas. Os vídeos da violência policial gravados por manifestantes foram amplamente divulgados em plataformas de streaming, redes sociais, no Youtube e Twitter, atual X. Grupos em redes sociais compartilharam informações, materiais e ajuda aos manifestantes (Cardoso e Di Fátima, 2013).

Para Gohn (2016), os protestos iniciaram-se por conta da indignação pelo aumento da passagem do transporte público e foram ampliados para outras demandas. Como a saúde, educação, segurança pública e gastos públicos. Segundo o autor, eram organizações horizontais, de maneira informal e sem liderança. Os atos foram pontuais e com temas específicos, não seguindo uma continuidade de eventos.

O papel das redes sociais.

Gohn (2014) esclarece que as manifestações de 2013 trouxeram ao cenário político novos sujeitos que, por meio das redes sociais, se organizaram e realizaram atos sem o auxílio das instituições tradicionais. As plataformas digitais permitiram a convocação de grupos para a troca de informações e tudo isso em um curto espaço de tempo e de maneira horizontal. O autor observa que essas dinâmicas provaram que a democracia é um processo em construção e que as demandas ecoam por mais camadas da sociedade. Destacando a participação jovem nas manifestações, organizados de maneira on-line e realizando os atos sem representações partidárias.

Cardoso e Di Fátima (2013) explicam que as redes permitiram o abastecimento de conteúdos em tempo real por grupos de ativistas. A internet em 2013 foi um dos principais meios de convocação para os atos, ocupando uma parcela de influência junto às mídias tradicionais. Não é uma matriz de criação de revoltas, mas sim o meio que permite a comunicação e a organização delas, sendo que o número de acesso de pessoas à banda larga está diretamente ligado à quantidade de revoltas nos estados brasileiros. Sendo argumentado que a cultura e a conexão da internet são a raiz do novo poder popular (CASTELLS, 2011, apud Cardoso e Di Fátima, 2013).

Por sua vez, Bucci (2019, p.44) afirma que as plataformas digitais se tornaram um novo ambiente que permite a mobilização de massas, novos diálogos e a organização de uma frente de resistência contra Estados repressivos: "Há nas redes uma vocação para desalinhar os confortos do poder estatal...". O autor acrescenta que elas trouxeram a público as fragilidades e limitações que o Estado possui em manter contato com a sociedade. Mas também que uma parcela da responsabilidade pela descredibilidade da verdade é por conta das redes sociais por serem terreno fértil para a proliferação de mentiras. As notícias falsas são veiculadas com mais velocidade por repercutirem e dar lucros, sendo produzida de maneira barata e rápida. O receptor das informações fica preso a um círculo restrito, fragmentado, e nada vem de fora, pois não convém ao interesse do leitor.

Considerações Finais

As redes sociais permitiram o abastecimento em tempo real de informações, a criação de mídias alternativas às tradicionais com ampla visibilidade para os abusos cometidos pelo Estado, além de permitir dar voz a novos sujeitos e a convocação para os atos de 2013: "fazem o passa palavra necessário para quebrar o receio e induzir a confiança, principalmente quando a TV e o rádio não fazem o seu papel de relatar o que sucede segundo critérios jornalísticos" (Cardoso e Di Fátima, 2013). A participação dos jovens e a organização horizontal é outra característica. Mas é notável que esse novo ambiente causou a fragmentação dos movimentos

ocorridos, multiplicidade de demandas e dificultou o avanço coeso da causa (Gohn, 2013; Cardoso e Di Fátima, 2013).

A internet é um meio para possibilitar a insatisfação e não sua origem. Foi nítida a relação direta do aumento de protestos nos estados com as maiores taxas de acesso à internet (Cardoso e Di Fátima, 2013), ou seja, o ativismo digital é um meio para um fim (Gohn, 2013).

O problema central das redes sociais é a concentração de monopólios aliado à exploração do desejo e consumo. As redes sociais apesar de terem acesso público, tem seu controle privatizado. Notícias falsas são veiculadas, pois repercutem mais e dão lucro. Nesses ambientes você é mão de obra, matéria prima e mercadoria. Discursos contra o monopólio das mídias tradicionais não são extrapolados para as redes, tornando-o invisível (Bucci, 2019) Mas apesar dos problemas, esse novo ambiente permite a resistência frente à repressão e autoritarismo dos Estados (Bucci, 2019) e revela que a democracia não é algo dado por completo, mas que segue em construção (Gohn, 2013).

Palavras-chave:

Fake News. Manifestações populares. Redes Sociais.

Referências.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/dialogo.educ.16.047.DS06>. Acesso em: 18, mar. 2025.

CARDOSO, Gustavo; DI FÁTIMA, Branco. Movimento em rede e protestos no Brasil: qual gigante acordou? Revista ECO-Pós, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 143-176, mai./ago. 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/341803984>. Acesso em: 18, mar. 2025

BUCCI, Cláudio. Existe democracia sem verdade factual? São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DOMINGOS, Roney. Protestos foram surpresa para esquerda e direita, diz Lula. G1, São Paulo, 02, ago. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2013/08/protestos-foram-surpresa-para-esquerda-e-direita-diz-lula.html>. Acesso em: 18, mar. 2025

TARIFA de ônibus de Porto Alegre volta para valor antigo na sexta, diz EPTC. G1 RS, [S.l.], 04, abr. 2013. Disponível em: <https://glo.bo/Zbu1cq>. Acesso em: 18, mar. 2025.